

“Na morte de sábios Príncipes não perdem pouco os Reinos”: a parenética fúnebre por ocasião da morte de D. Teodósio (1634-1653), Príncipe do Brasil*

“In the death of wise Princes do not lose little the Kingdoms”: the funeral parenetics at the death of Teodósio (1634-1653), Prince of Brazil

FRANCISCO JOSÉ PEGACHA PARDAL

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Alameda da Universidade, 1600-214, Lisboa, Portugal.

francisco.pardal@campus.ul.pt

Recibido: 2021-03-10. Aceptado: 2022-01-10.

Cómo citar: Pegacha Pardal, Francisco José, “«Na morte de sábios Príncipes não perdem pouco os Reinos»: a parenética fúnebre por ocasião da morte de D. Teodósio (1634-1653), Príncipe do Brasil”, *Erasmus. Revista de Historia Bajomedieval y Moderna*, 9 (2022): 93-122.



Este artículo está sujeto a una [licencia “Creative Commons Reconocimiento-No Comercial” \(CC-BY-NC\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

DOI: 10.24197/erhbm.9.2022.93-122.

Resumen: D. Teodósio, Príncipe do Brasil e filho primogénito do rei de Portugal, faleceu em 1653, com apenas dezanove anos. A sua morte foi lamentada em todo o reino, através da celebração de exéquias. Os principais objetivos deste artigo passam pela análise dos sermões pregados em diversas cerimónias fúnebres. Procura-se, ao interpretar estas fontes, conhecer que imagem do príncipe se construiu, à luz da parenética.

Palabras clave: Morte; Parenética; Príncipe do Brasil; Casa de Bragança; Portugal.

Abstract: Teodósio, Prince of Brazil and firstborn son of the king of Portugal, died in 1653, with only nineteen years. His death was regretted across the kingdom, through the celebration of funerals. The main objectives of this article are the analysis of the sermons preached in various funeral ceremonies. When interpreting these sources, it is sought to know which image of the prince was built, in the light of parenetics.

Keywords: Death; Parenetics; Prince of Brazil; House of Braganza; Portugal.

* Mestre em História (especialização em História Moderna e Contemporânea) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro do Centro de História da Universidade de Lisboa. Email: francisco.pardal@campus.ul.pt. Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto “A formação de um herdeiro em tempos de consolidação dinástica: o Príncipe D. Teodósio (1634-1653)” (Ref.ª 2021.08880.BD) financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

1. ESBOÇO BIOGRÁFICO DE D. TEODÓSIO

D. Teodósio nasceu em Vila Viçosa, em 8 de fevereiro de 1634¹. Filho primogénito do oitavo duque de Bragança, D. João II, e de sua consorte, D. Luísa Francisca de Gusmão, filha dos duques de Medina Sidónia, o seu nascimento teve lugar um ano após o enlace dos progenitores². Logo recebeu o título de duque de Barcelos, criado em 1562, durante a menoridade do rei D. Sebastião, destinado aos herdeiros dos titulares brigantinos. O seu batismo ocorreu em 27 do referido mês, na capela do Paço Ducal, tendo o sacramento sido ministrado pelo deão, António de Brito de Sousa.

A infância do titular barcelense decorreu em Vila Viçosa, com relativa tranquilidade. Reinava então em Portugal D. Filipe III e, embora fosse um dos mais importantes aristocratas lusos e descendesse de uma pretendente ao trono em 1580, o duque D. João II não era politicamente ativo³. Em 1640, quando contava seis anos de idade, a vida do titular barcelense sofreu grandes alterações, quando um grupo de fidalgos descontentes procurou colocar no trono um monarca de sangue e tradições portuguesas. Foi planeado um golpe, através do qual o rei era deposto, entregando-se o trono ao duque de Bragança. A conjura, que surtiria o efeito desejado, foi preparada com muita antecedência pelos fidalgos⁴ e, na manhã do primeiro de dezembro de 1640, pelas nove horas, os conjurados reuniram-se no Terreiro do Paço, onde neutralizaram a ação da infantaria fiel ao rei e os arqueiros alemães, conseguindo entrar no paço da Ribeira⁵.

O duque de Barcelos convertia-se assim no príncipe herdeiro do trono português, tendo sido jurado em cortes, reunidas em 28 de janeiro de

¹ Sousa, D. António Caetano de (1740), *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo VII, Lisboa, Régia Oficina Silvana, p. 263.

² Cunha, Mafalda Soares da (2004), «Estratégias Matrimoniais da Casa de Bragança e o Casamento do Duque D. João II», *Hispania. Revista Española de Historia*, vol. LXIV, n.º 126, pp. 55-62.

³ Oliveira, António de (1990), *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*, Lisboa, Difusão Editorial, p. 167.

⁴ *Relação de tudo o que se passou na felice Aclamação do mui Alto & mui Poderoso Rei D. João o Quarto, nosso Senhor, cuja Monarquia prospere Deos por largos anos* (1641), Lisboa, Lourenço Anveres, p. 338.

⁵ Menezes, D. Luís de [Conde da Ericeira] (1679), *História do Portugal Restaurado*, tomo I, Lisboa, Oficina de João Galvão, p. 99. Sobre o Primeiro de Dezembro de 1640 cfr. também, sem prejuízo de outros Valladares, Rafael (1998), *La Rebelión de Portugal: Guerra, Conflicto y Poderes en la Monarquía Hispánica (1640-1680)*, Valladolid, Junta de Castilla y León - Consejería de Educación y Cultura.

1641⁶. Contudo, os primeiros anos do reinado de D. João IV pautaram-se por várias dificuldades, nomeadamente as de natureza política e militar⁷. Embora tenso, o início da Guerra da Restauração foi marcado por pequenas ofensivas por ambas as fações em território inimigo e pela tomada de algumas praças⁸. A vitória portuguesa na batalha do Montijo, travada em 26 de maio de 1644, foi o acontecimento de grande vulto nos primeiros tempos do conflito⁹. Após a vitória, vários religiosos recomendaram ao monarca que colocasse o reino sob a proteção da Virgem Maria¹⁰. Este teve em conta o conselho e, em 25 de março de 1646, estando reunidas as cortes, a Imaculada Conceição foi proclamada padroeira de Portugal¹¹.

D. Teodósio, que, depois do pai, prestou juramento à referida invocação mariana, já havia recebido os títulos de príncipe do Brasil e de duque de Bragança¹². Segundo a carta régia de 27 de outubro de 1645, D. João IV decidiu que o ducado brigantino ficaria associado aos herdeiros do trono, de modo a que estes possuissem património, à semelhança do que sucedia noutras casas europeias¹³. Em relação ao título principesco, a sua criação procurou espelhar a grandeza da nova dinastia, uma vez que o principado era apenas nominal¹⁴. Contudo, o primogénito real só viria a receber casa e aposentos à parte em 1649, na Ribeira das Naus, tendo permanecido junto da rainha D. Luísa até essa data¹⁵.

⁶ Sousa, D. António Caetano de (1740), *História Genealógica... óp. cit.*, p. 263.

⁷ Oliveira, António de (2008), *D. Filipe III*, Lisboa, Temas & Debates, p. 373

⁸ Araújo, João Salgado de (1644), *Successos Militares Das Armas Portuguesas em sua fronteiras depois da Real aclamação contra Castella*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, pp. 8-181; Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV... óp. cit.*, p. 174. Costa, Fernando Dorez (2004), *A Guerra da Restauração 1641-1668*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 33-34.

⁹ Oliveira, António de (2008), *D. Filipe III... óp. cit.*, p. 220; Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV... óp. cit.*, pp. 212-213.

¹⁰ Pimentel, Alberto (1899), *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, Lisboa, Guimarães, Libânio e Companhia, p. 232. Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV... óp. cit.*, p. 246.

¹¹ Pardal, Francisco José Pegacha (2018), *Uma devoção de grandes e pequenos. Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa nos séculos XVII e XVIII*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 56-59.

¹² Sousa, D. António Caetano de (1740), *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo IV, Lisboa, Régia Oficina Silviana, pp. 792-793.

¹³ *Ibidem*, p. 792.

¹⁴ *Ibidem*, p. 792.

¹⁵ Sobre o regimento da casa de D. Teodósio, especialmente os gentis-homens, cfr. Arquivo Nacional da Torre do Tombo [ANTT], Manuscritos da Livraria, livro. 170,

Como era da praxe, o herdeiro do trono deveria ser educado para um dia reinar. D. João IV não descurou esta questão, tendo associado D. Teodósio à governação. Cabe referir que a educação do príncipe contou com o papel dos progenitores, assim como o de mestres contratados para o efeito¹⁶. Sabe-se que o padre jesuíta Cosmader, de origem flamenga, lecionou matemática ao filho do *Restaurador*, ao passo que as lições catequéticas couberam ao padre Manuel Vaz¹⁷. O príncipe revelou-se um aluno de mérito, uma vez que dominava várias línguas - castelhano, italiano, latim e português -, além de se interessar por filosofia, medicina, teologia, astronomia, astrologia. Nos tempos livres, dedicou-se ao fabrico e conserto de relógios¹⁸.

Um dos mestres de D. Teodósio foi Sebastião César de Menezes, autor de um dos tratados sobre a educação política do príncipe¹⁹. Nesta obra, o autor dissertou sobre a postura de um bom governante e as práticas que lhe estavam inerentes²⁰. António de Sousa de Macedo também redigiu um trabalho sobre o mesmo assunto, focando-se essencialmente na boa governação, justiça e clemência do soberano²¹. Esta tratadística, que se havia tornado popular na centúria anterior, mas que já vinha do período medieval, procurou uma melhor preparação dos futuros monarcas, tanto nos aspetos públicos como privados²².

«Regimento que se fez quando se pôs em quarto à parte o Príncipe D. Teodósio», ff. 93-101. TRONI, Joana Almeida (2012), *A Casa Real Portuguesa ao tempo de D. Pedro II (1668-1706)*, (Tese de Doutoramento inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 300-304.

¹⁶ Lourenço, Maria Paula Marçal e PINTO, Ricardo Fernando (2012), *D. Luísa de Gusmão... óp. cit.*, p. 145.

¹⁷ *Ibidem*, p. 145.

¹⁸ *Ibidem*, p. 146.

¹⁹ Menezes, Sebastião César (1649), *Summa Política, Offerecida ao Príncipe D. Theodosio Nosso Senhor*, Lisboa, António Alvarez.

²⁰ Albuquerque, Martim de (1981), «Para uma teoria política do Barroco em Portugal. A «Suma Política» de Sebastião César de Menezes (1649-1650)», *Revista de História*, n.º 4, pp. 63-101.

²¹ Silva, Pedro José Barbosa da (2015), *António de Sousa de Macedo. Diplomata, Conselheiro da Fazenda, Secretário de Estado*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 19.

²² Sobre estas questões cfr., sem prejuízo de outros, Buescu, Ana Isabel (1996), *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-49)*, Lisboa, Edições Cosmos. Abreu, Ilda Soares de (2001), *Simbolismo e Ideário Político. A Educação Ideal Para o Príncipe Ideal Seiscentista*, Lisboa, Estar Editora.

De modo a melhor preparar aquele que, à partida, lhe sucederia no trono, D. João IV associou o seu primogénito a diversos aspetos da governança do reino. O de maior vulto remete para o Conselho de Estado, órgão que contou com a prestação do príncipe desde 1649, quando este completou quinze anos de idade²³. Segundo o conde da Ericeira, o príncipe do Brasil empenhava-se na referida função, preparando previamente os seus discursos²⁴. A educação principesca deu aso a algumas críticas, especialmente as que partiram dos nobres que não se reviam na formação literária e filosófica²⁵. Além disso, defendiam também que o facto de ter permanecido junto da mãe havia sido prejudicial ao herdeiro do trono²⁶. D. Vicente Nogueira considerava que as leituras e o desinteresse pela caça não contribuía para a sua robustez²⁷. O aspeto físico de D. Teodósio era muito condicionado pelos jejuns que praticava, por ser muito devoto²⁸.

Embora prodigioso nas letras e na religião, nem por isso o primogénito real se desinteressou das questões militares. Desde criança que manifestava esse apreço, mantendo-o durante a adolescência e vida adulta²⁹. Por essa razão, em 1 de novembro de 1651, partiu clandestinamente para o Alentejo, para acompanhar de perto a defesa da fronteira³⁰. A viagem, feita de forma sigilosa, contou com a desaprovação de D. João IV³¹. D. Teodósio permaneceu na referida província durante quase dois meses, uma vez que regressou a Lisboa no final do mesmo ano³². Durante a sua curta estadia não passou por privações, uma vez que

²³ Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV... óp. cit.*, p. 288.

²⁴ *Ibidem*, p. 288.

²⁵ Lourenço, Maria Paula Marçal e Pinto, Ricardo Fernando (2012), *D. Luísa de Gusmão... óp. cit.*, p. 147.

²⁶ *Ibidem*, p. 147.

²⁷ Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV... óp. cit.*, pp. 289-290.

²⁸ *Ibidem*, p. 290.

²⁹ *Ibidem*, p. 288.

³⁰ Raposo, Hipólito (1947), *Dona Luísa de Gusmão, Duquesa e Rainha, 1613-1666*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, p. 220.

³¹ Numa carta que enviou ao filho, D. João IV tratou essencialmente questões de natureza política e militar, embora tenha chegado a mencionar que sentia saudades de D. Teodósio. Cfr. Sousa, D. António Caetano de (1740), *Provas da História Genealógica... óp. cit.*, p. 794.

³² *Ibidem*, p. 102.

o pai lhe fizera chegar, através de António Cavide, cama, roupa e armadura dignas³³.

Em 25 de janeiro de 1652, D. João IV nomeou o seu primogénito governador-geral das Armas do Reino, o que, de certa forma, acabou por oficializar a intromissão de D. Teodósio na guerra³⁴. Este parece ter estado à altura da designação, pois provia os cargos que vagavam consoante os méritos militares, além de manter assídua correspondência com os governadores de armas das várias províncias portuguesas³⁵. Conhece-se, inclusive, a troca epistolar entre o herdeiro do trono e o visconde de Vila Nova da Cerveira, governador das armas do Minho. A correspondência, que foi praticamente diária, iniciou-se em 28 de novembro de 1651 e findou em 9 de fevereiro de 1653³⁶.

Por essa altura, já D. Teodósio se encontrava gravemente enfermo. Deixara o Alentejo com a promessa de regressar em breve, o que não foi possível, por ter sido acometido pela tuberculose no final do ano seguinte³⁷. Mesmo debilitado, não descurou as funções militares que lhe foram confiadas, chegando a visitar as obras da fortaleza de Setúbal³⁸. Alcançou uma ligeira melhoria ao tomar os ares benignos do jardim da Palhavã, contando, para o efeito, com a dedicação da mãe³⁹. Posteriormente foi levado para a casa de Paulo de Carvalho, em Alcântara, onde passou as últimas semanas de vida⁴⁰.

Extremamente devoto, depressa se convenceu que pouco mais tempo viveria. Dedicou-se à oração e à reparação dos seus pecados, para morrer

³³ Biblioteca da Ajuda [BA], 51-VI-15, 51-VI-15, «Despesas feitas pelo Príncipe D. Teodósio na jornada do Alentejo», ff. 38-39; «Despesas feitas por ordem do Príncipe D. Teodósio», f. 40; «Petição das Charamelas da Sé de Elvas para darem as boas-vindas ao Príncipe D. Teodósio. Recibo de esmola, remetido por António Cavide», f. 44; «Despesas feitas com a estrebaria do Príncipe D. Teodósio, quando esteve em Elvas», f. 45; «Despesas com um vestido para o Príncipe D. Teodósio», f. 46; «Despesas do Príncipe D. Teodósio, em 1651», ff. 47-65v; «Rol do que foi enviado de Lisboa para Elvas, para o serviço do Príncipe D. Teodósio», f. 71.

³⁴ Sousa, D. António Caetano de (1740), *Provas da História Genealógica...* *óp. cit.*, p. 797.

³⁵ Domingues, João Baptista (1747), *Vida do Príncipe D. Theodosio...* *óp. cit.*, p. 142.

³⁶ Biblioteca da Ajuda [BA], 51-VIII-39, «Cartas do Príncipe D. Teodósio ao Visconde de Vila Nova da Cerveira, Governador de Armas da Província do Minho», ff. 17-176.

³⁷ Sousa, D. António Caetano de (1740), *História Genealógica...* *óp. cit.*, p. 274.

³⁸ Domingues, João Baptista (1747), *Vida do Príncipe D. Theodosio...* *óp. cit.*, p. 170.

³⁹ Vallance, Monique (2012), *A rainha restauradora. Luísa de Gusmão*, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 103.

⁴⁰ Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV...* *óp. cit.*, p. 306.

dignamente⁴¹. Nem os esforços dos médicos da Corte nem as preces, realizadas por todo o reino, valeram ao jovem varão, que exalou o último suspiro em 15 de maio de 1653⁴². Após monumentais exéquias e um longo cortejo fúnebre⁴³, foi sepultado na igreja do mosteiro de Santa Maria de Belém⁴⁴. As manifestações de dó pelo extinto ocorreram um pouco por todo o reino, desde celebrações eucarísticas à redação de poemas e textos laudatórios, que ao mesmo tempo, tinham contornos políticos vincados⁴⁵. Tal facto teve um peso substancial na imprensa, tendo sido dados à estampa diversos escritos ligados à parenética⁴⁶.

2. O SERMONÁRIO FÚNEBRE DO PRÍNCIPE DO BRASIL

A parenética colheu grande aceitação ao longo da Época Moderna, tendo em conta que a sua impressão foi prática corrente, quer em textos avulsos, quer em conjuntos⁴⁷. A este tipo de publicações estava associado um vasto leque de temáticas, desde exéquias a ações de graças, passando por panegíricos santorais, tomadas de hábito, procissões de resgate de cativos, autos da fé, efemérides da realeza, entre outros⁴⁸. Embora só recentemente tenham sido objeto de estudo sob o ponto de vista histórico

⁴¹ *Ibidem*, p. 103.

⁴² *Ibidem*, p. 103.

⁴³ Sobre as exéquias fúnebres de D. Teodósio cfr. os seguintes relatos: Andrade, Lucas de (1653), *Breve Relação do Sumptuoso Enterro que se fes em 17 de Mayo de 1653 ao Serenissimo Principe o S. D. Theodosio, desde os Paços de Alcantara, ao Real Convento de Belem, onde foy depositado*, Lisboa, António Álvares. [SÁ, João Rodrigues de] (1653), *Elogio Funeral do Príncipe D. Theodosio, N[osso] Senhor. Relação das exéquias e lutos com que sentio sua morte o Ex[celentissimo]. João Ro[dr]i[gue]z de Sa Conde de Penaguão*, Londres: s.n., pp. 24-37.

⁴⁴ Biblioteca Nacional de Portugal [BNP], Reservados, Códice 13212, «Regimento do que se há-de fazer quando falecer o Príncipe D. Teodósio», ff. 15-20v.

⁴⁵ Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, vol. 1, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, p. 233.

⁴⁶ Griné, Euclides dos Santos (1997), *A Construção da Imagem Pública... óp. cit.*, pp. 152-155.

⁴⁷ Sobre os sermões publicados entre 1705 e 1750 cfr. Pontes, Maria de Lurdes Belchior (1961), *A Oratória Sacra em Portugal no século XVII segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Coimbra, s.n.

⁴⁸ Braga, Isabel Drumond (2012), «Eloquência, Cativo e Glorificação. O Sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do Resgate Geral de Cativos de 1655», in Duran, Maria Renata (coord.), *Triunfos da Eloquência. Sermões Reunidos e Comentados 1656-1864*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, pp. 11-12.

e literário⁴⁹, a verdade é que, no seu tempo, atraíram o interesse dos leitores cultos e dos próprios pregadores, que neles procuravam uma fonte de

⁴⁹ No que à história diz respeito, destaque para nomes como João Francisco Marques, Francis Cerdan, Euclides dos Santos Griné, Ana Isabel López-Salazar, Isabel Drumond Braga, Paulo Drumond Braga e Ricardo Pessa de Oliveira, num lato período de estudo, compreendido entre o governo da Casa de Áustria, no século XVII, e a estância da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, no início do século XIX. Em relação à literatura, é possível dar destaque a Maria de Lurdes Belchior Pontes, Aníbal Pinto de Castro e Belmiro Fernandes Pereira, que se dedicaram ao estudo da parenética de autores como frei António das Chagas ou padre António Vieira. Cfr. Marques, João Francisco (1986), *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica. Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração... óp. cit.* Marques, João Francisco (2001), «Oratória Sacra ou Parenética», in Azevedo, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, P-V, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, pp. 470-510. Cerdan, Francis (1992), «L' Orasion Funebre du Roi Philippe II de Portugal (Philippe III D' Espagne) Par Frei Baltasar Paez en 1621», *Arquivos do Centro Cultural Português*, n.º 31, pp. 151-170. Griné, Euclides dos Santos (1997), *A Construção da Imagem Pública do Rei... óp. cit.* López-Salazar, Ana Isabel (2008), «'May de Lisboa e dos Portuguezes Todos'. Imágenes de Reinas en el Portugal de los Felipes», in Martínez Millán, José e Lourenço, Maria Paula Marçal, *Las Relaciones Discretas entre las Monarquías Hispana y Portuguesa: La Casa de Las Reinas (siglos XV-XIX)*, vol. 3, Madrid, Polifemo, pp. 1749-1776. Braga, Isabel Drumond e Braga, Paulo Drumond (2011), *Duas rainhas em tempos de novos equilíbrios europeus: Maria Francisca Isabel de Saboia e Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 175-179. Braga, Isabel Drumond (2015), «Chorar uma Rainha em Portugal e no Brasil: os Sermões por Ocasião da Morte de D. Maria I», in *Anais do I Congresso Lusófono de Ciências das Religiões*, vol. 3, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, pp. 38-59. Braga, Isabel Drumond (2019), «Parenética e política: o infante D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (1786-1812)», *LibrosdelaCorte*, n.º 19, pp. 178-198. Braga, Isabel Drumond (2019), «Parenética na Igreja do Loreto: os sermões em honra dos Sumos Pontífices (séculos XVII-XVIII)», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 19, pp. 175-197. Oliveira, Ricardo Pessa de (2019), «Teatro Fúnebre: Exéquias promovidas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santa Justa a membros da Casa Cadaval (1700-1749)», *Revista Portuguesa de História*, tomo 50, pp. 151-168. Pontes, Maria de Lurdes Belchior (1961), *A Oratória Sacra em Portugal... óp. cit.* Pontes, Maria de Lurdes Belchior (1953), *Frei António das Chagas, Um homem e estilo do século XVII*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos. Castro, Aníbal Pinto de (1973), *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos. PEREIRA, Belmiro Fernandes (2011), *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Bibliografia mormente citada em Braga, Isabel Drumond (2016), «Entre Religião, Ciência e Política: a Parénesis Seiscentista de Fr. Amador da Conceição», *Revista Territórios e Fronteiras*, vol. 9, n.º 1, pp. 132-134.

inspiração⁵⁰. O principal objetivo da pregação era a doutrinação do auditório, embora a mesma servisse outros propósitos, nomeadamente políticos⁵¹.

A parenética fúnebre estava, muitas vezes, associada a crises ou alterações políticas, acabando o púlpito por ser um veículo de tais interesses⁵², quer apresentando informações biográficas, quer ao nível da representação⁵³. No caso do príncipe D. Teodósio, conhecem-se onze textos, pregados e mormente impressos entre 1653 e 1656. Foram os seus autores quatro jesuítas, três dominicanos, dois carmelitas, um doutor em teologia e um loio. A maior parte das obras foram impressas sem dedicatória, embora três o tenham sido a D. João IV e uma a D. Luísa de Gusmão, seguramente inconsoláveis pela perda do filho primogénito. Excetua-se o caso do padre António Vieira, que, por ter sido editado postumamente, foi dedicado a D. João V.

Em relação aos locais de pregação, refiram-se lugares tão díspares como o Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa; a Colegiada de Santa Maria, em Viana da Foz do Lima; a Igreja de Santa Maria do Castelo, em Torres Vedras; a Real Capela do Hospital e o Real Colégio da Companhia de Jesus, em Coimbra; as Catedrais do Porto e de Miranda do Douro, além do Colégio Jesuíta de São Luís do Maranhão, no Brasil, e da igreja de Santo António dos Portugueses, em Roma. Sublinhe-se que este último local não consta na publicação, sendo-lhe atribuído por Diogo Barbosa Machado⁵⁴.

A impressão dos textos parenéticos teve lugar em Lisboa, Coimbra e Roma. Na primeira localidade deram-se à estampa sete sermões, nas oficinas de António Álvares, Paulo Craesbeeck - em três casos designada Craesbeeckiana - e de Manuel da Silva. Na cidade do Mondego, as casas tipográficas associadas à publicação foram as de Tomé Carvalho e Manuel da Silva. Para o caso romano, importa referir que a fonte omitiu essa

⁵⁰ *Ibidem*, p. 132.

⁵¹ Palomo, Federico (2006), *A Contra-Reforma em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 78. Marques, João Francisco (1998), «Lisboa religiosa na segunda metade do século XVII», in *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708*, Lisboa, Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 162.

⁵² Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração... óp. cit.*, p. 233.

⁵³ Braga, Isabel Drumond (2012), «Eloquência, Cativo e Glorificação...» *óp. cit.*, p. 12

⁵⁴ Machado, Diogo Barbosa (1752), *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, e Chronológica. Na qual se compreende a notícia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuzerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, tomo III, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues, p. 508.

informação⁵⁵. Em relação ao custeio das publicações, as informações são praticamente inexistentes. Sabe-se que os casos de Tomás Barreto e de Jerónimo Ribeiro Carvalho foram dados à imprensa, respetivamente, por Gaspar Barbosa de Machado, arcepreste da colegiada vianense, e por António Gomes de Moura, mercador de livros⁵⁶.

Retenha-se que os pregadores desempenharam outras funções de âmbito religioso. Frei João da Silveira lecionou nos conventos carmelitas de Évora e de Lisboa, tornando-se célebre no seu tempo⁵⁷. Frei Tomás Aranha, clérigo dominicano, recebeu o bacharelato em Teologia na Universidade de Coimbra e foi prior no convento de Amarante⁵⁸. D. Manuel Noronha foi prior em Castanheira do Ribatejo, Torres Vedras, Vila Verde dos Francos e no convento de Palmela, além de reitor da Universidade e de bispo de Viseu e de Coimbra - no último caso não chegou a tomar posse, por, entretanto, ter falecido. Jerónimo Ribeiro de Carvalho doutorou-se em Teologia, tendo sido nomeado cónego das catedrais de Braga e do Porto, terminando os seus dias como chantre em Coimbra. O padre António Veloso lecionou no colégio jesuíta de Cochim, além de ter sido reitor da referida casa e de procurador-geral das Províncias Orientais⁵⁹.

Frei Álvaro Leitão, mestre em Sagrada Teologia, desempenhou várias funções de renome, nomeadamente pregador régio de D. Afonso VI e de D. Pedro II e qualificador do Santo Ofício⁶⁰. Esta função foi igualmente

⁵⁵ Sobre estas questões tipográficas cfr. Deslandes, Venâncio (1988), *Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Dias, José João Alves (1996), *Craesbeeck: uma dinastia de impressores em Portugal: elementos para o seu estudo*, Lisboa, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, pp. 13-17. Gonçalves, José Jorge David de Freitas (2010), *A Imprensa em Coimbra no século XVII*, (Tese de Doutoramento inédita), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pp. 41-55.

⁵⁶ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias que fes o Nobilissimo Senado da Villa de Vianna na Igreja Colegiada de Sãta Maria em 7 de Junho de 1653 ao Serenissimo, & Maximo Principe D. Theodosio, filho de El Rei Dom João o IIII Nosso Senhor*, Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho. Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras do Serenissimo Principe de Portugal D. Theodosio que fez o Reverendo Cabido da Santa Sé do Porto em 28 de Junho de 1653*, Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho.

⁵⁷ Machado, Diogo Barbosa (1747), *Bibliotheca Lusitana... óp. cit.*, tomo II, p. 759.

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 324-325.

⁵⁹ Machado, Diogo Barbosa (1741-1752), *Bibliotheca Lusitana... óp. cit.*, tomo I, pp. 414; tomo II, p. 521; tomo III pp. 324-325;

⁶⁰ *Ibidem*, pp. 739-740.

desempenhada por frei Nuno Viegas, que terminou os seus dias como prior do convento do Carmo, em Lisboa. O padre Jerónimo de São Paulo foi provedor do Hospital Real de Coimbra, enquanto o Doutor Luís Machado Pereira Pinto foi mestre escola da catedral de Miranda do Douro. O mais célebre dos oradores, padre António Vieira, além das notáveis pregações, dedicou-se à defesa dos povos indígenas e foi incumbido de missões diplomáticas aos Países Baixos, a França e à Santa Sé, nos reinados de D. João IV e do seu sucessor⁶¹.

Quadro I - Sermões de exéquias fúnebres por ocasião da morte de D. Teodósio

Pregador	Ordem	Local de Pregação	Data de Publicação	Número de Páginas
Frei João da Silveira	Ordem do Carmo	Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos	1653	30
Frei Tomás Barreto	Ordem de São Domingos	Viana da Foz do Lima, Colegiada de Santa Maria	1653	49
Frei Tomás Aranha	Ordem de São Domingos	Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos	1653	29
D. Manuel de Noronha	Companhia de Jesus	Torres Vedras, Igreja de Santa Maria do Castelo	1653	32

⁶¹ Machado, Diogo Barbosa (1747-1752), *Bibliotheca Lusitana... óp. cit.*; tomo II, p. 519; tomo III, pp. 110-111. A única obra que se conhece ao Doutor Luís Machado Pereira Pinto é o sermão nas exéquias de D. Teodósio. Cfr. Pinto, Luís Machado Pereira (1656), *Sermão oferecido a magestade do Senhor Rey Dom Joam o IV que nas exéquias do Senhor Principe D. Theodosio pregou na Santa See de Miranda o Doutor Luis Machado Pereira Pinto*, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana. Sobre a vida e obra do Padre António Vieira existe vasta bibliografia. Sobre a mesma, cfr. Paiva, José Pedro (coord.) (2009), *Padre António Vieira, 1608-1697. Bibliografia*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 1999. Couto, Jorge (2009), *Padre António Vieira. Bibliografia 1998-2008*, Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

Jerónimo Ribeiro Carvalho	Companhia de Jesus	Porto, Sé	1653	34
Padre António Veloso	Companhia de Jesus	Coimbra, Real Colégio da Companhia de Jesus	1653	34
Frei Álvaro Leitão	Ordem de São Domingos	Lisboa, Mosteiro dos Jerónimos	1654	34
Padre Jerónimo de São Paulo	Congregação dos Loios	Coimbra, Capela Real do Hospital	1654	33
Frei Nuno Viegas	Ordem do Carmo	Roma, Igreja de Santo António dos Portugueses (?)	1655	30
Luís Machado Pereira Pinto	Doutor em Sagrados Cânones	Miranda do Douro, Sé	1656	24
Padre António Vieira	Companhia de Jesus	Maranhão, Colégio da Companhia de Jesus	1748	25

Uma característica comum ao sermão fúnebre de D. Teodósio remete para a exaltação das suas virtudes, prática que, aliás, era própria deste tipo de parenética⁶². Desta forma, os oradores apresentaram o príncipe do Brasil como afável, casto, discreto, esclarecido, liberal,

⁶² Braga, Isabel Drumond e Braga, Paulo Drumond (2017), «As Virtudes do Inquisidor Geral: os sermões de exéquias e a imagem dos dirigentes do Santo Ofício no século XVII», in Assia, Ângelo Adriano Faria de, Muñiz, Pollyanna Gouveia Mendonça e Matos, Yllan de (org.), *Um historiador pelos seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas*, São Paulo, Alameda, p. 29.

poderoso, prudente, sábio, santo e valeroso⁶³. Sobre a castidade, frei Tomás Aranha mencionou a resistência do príncipe aos encantos das damas da Corte, comparando-o ao rei D. Sebastião⁶⁴. Além disso, ao referir-se à afabilidade, considerou que a mesma tornavam os reis mais amados, o que faria do príncipe um monarca popular.

Eu sempre tive para mim que a esta brandura, e afabilidade, e aspeto também exteriormente sereníssimo, com que os Príncipes se deixam tratar comedidamente humanos; se deve atribuir e encostar o serem muito amados de seus vassallos; sustente outrem as partes da virtude da liberalidade, e outrem pugne pela justiça, que seus apoios tem valentíssimos uma e outra opinião: a minha é que com brandura e afabilidade se fazem os Reis mais amados, maiormente do povo⁶⁵.

Igualmente expectável seriam as referências à morte precoce do herdeiro do trono: frei João da Silveira considerou-o a esperança de Portugal⁶⁶, ao passo que frei Tomás Barreto o teve por príncipe promissor⁶⁷. O padre António Vieira⁶⁸ e D. Manuel de Noronha mencionaram uma perda irreparável para o reino e seus vassallos⁶⁹. O

⁶³ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias...* *óp. cit.*, p. 12. Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras...* *óp. cit.*, pp. 2-12. Pinto, L. M. P., *Sermão oferecido a magestade do Senhor Rey Dom Joam o IV...* *óp. cit.*, pp. 10-14.

⁶⁴ Aranha, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias do Sereníssimo Príncipe de Portugal Dom Theodosio que lhe Celebrarão os Religiosos de S. Domingos de Lisboa*, de Bemfica, & Almada, no Real Convento de Belém, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, pp. 9-10.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 10. A atualização das citações para o português atual são da nossa responsabilidade.

⁶⁶ Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias do Serenissimo Príncipe o Senhor D. Theodosio, Filho de ElRey N[osso] S[enhor] D. Ioam o IV que Deos guarde. As quaes a vinte e sete de Mayo deste presente anno, celebrou a Religião de N[fossa] S[enhora] do Carmo no Real Convento de São Hyeronimo de Belem, com licença de Sua Magestade*, Lisboa, António Álvares, p. 6.

⁶⁷ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias...* *óp. cit.*, p. 12. Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras...* *óp. cit.*, p. 2.

⁶⁸ Para a análise deste sermão cfr. Marques, João Francisco (2013), «Introdução», in Franco, José Eduardo e Calafate, Pedro (dir.), Marques, João Francisco (coord.), *Obra Completa do Padre António Vieira*, vol. XIV, tomo II, Lisboa, Círculo de Leitores, 2013, pp. 70-71.

⁶⁹ Viera, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa. Sermão das Exéquias do Sereníssimo Príncipe de Portugal D. Theodosio de Saudosa Memória, Prégado no Collegio da Companhia de Jesus de São Luís do Maranhão», in Vieira, padre António,

Doutor Jerónimo Ribeiro Carvalho confirmou esse sentimento, considerando que “na morte de sábios Príncipes não perdem pouco os Reinos⁷⁰”. O mesmo autor salientou a perda de um “Príncipe em flor⁷¹”, referência bucólica igualmente corroborada pelo padre António Veloso⁷², frei Álvaro Leitão⁷³ e frei Nuno Viegas⁷⁴.

A inclinação para as questões militares foi igualmente referida. Tome-se o exemplo do padre Manuel de Noronha, no qual referiu que os castelhanos temeram a grandeza do príncipe, por este levantar o ânimo dos soldados portugueses durante a estada em Elvas⁷⁵. Para Luís Machado Pereira Pinto, o abandono da corte e a presença de D. Teodósio na fronteira com Castela significou o desprendimento do conforto e dos bens materiais, além da regularização de questões relativas à administração, à justiça, e à remuneração dos exércitos, comprovando a dedicação e maturidade do jovem herdeiro:

Esta [caridade] o obrigou a deixar a corte, dar de mão as delícias, partir-se a Alentejo, assistir em Elvas, acudir às pagas dos soldados, aliviar os povos dos roubos, e desaforos; ouvir as queixas dos agravados, procurar que os ministros fossem inteiros; finalmente guardar a todos justiça. Este amor

Sermões Varios e Tratados, ainda não impressos, do Grande Padre António Vieyra da Companhia de Jesus, Offerecidos à Magestade DelRey D. João V, tomo XV, Lisboa, Oficina de Manuel da Silva, p. 254. Noronha, D. Manuel de (1653), Exequias do Serenissimo Principe Dom Theodosio Primeiro de Portugal na Villa de Torres Vedras, & Igreja de Sancta Maria do Castello, aos 10 de Junho de 1653, Lisboa, António Álvares, p. 3.

⁷⁰ Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras... óp. cit.*, p. 16.

⁷¹ *Ibidem*, p. 9.

⁷² O jesuíta apelidou o príncipe de lírio, considerado o rei das flores. Cfr. Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias que o Real Collegio da Companhia de Jesus de Coimbra celebrou ao Serenissimo Principe de Portugal Dom Theodosio em 17 de Junho de 1653*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, p. 14.

⁷³ D. Teodósio foi comparado a uma bonina pelo autor, devido à curta vida do primogénito real e da referida planta. Cfr. Leitão, frei Álvaro (1654), *Sermão nas exéquias do Serenissimo Principe Dom Theodosio Nosso Senhor, que Deos tem: feitas pello Reverendo Cabido da Sancta See de Lisboa: no Real Convento de Belem, aos 26 de Junho de 1653*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, p. 2.

⁷⁴ [Viegas, frei Nuno], (1655) *Oratio Funebris in Obitu Serenissimi Theodosii Lusitanorum Principis, Ioannis IV Portugaliae Regis Invictissimi Primogeniti*, Roma, s.n., p. 1.

⁷⁵ Noronha, D. Manuel de (1653), *Exequias do Serenissimo Principe... óp. cit.*, p. 17.

o fazia querer logo que deu volta a Lisboa, estando ainda com as esporas calçadas, tornar às fronteiras⁷⁶.

A erudição do príncipe foi particularmente salientada pelos oradores: por um lado, pelos seus gostos pessoais, que passaram essencialmente pela leitura de textos religiosos ou as poesias de Homero e de Virgílio⁷⁷; por outro, o domínio de diversas disciplinas e saberes, como astronomia, astrologia, filosofia, línguas, matemática, medicina e teologia, atrás mencionados⁷⁸. A respeito dessa versatilidade intelectual veja-se o seguinte excerto, da autoria de frei João da Silveira:

A sabedoria, que deu Deus a Sua Alteza, é uma admiração, a destriedade, perspicácia, agudeza, que tinha em todas as ciências, Filosofia, Teologia, Moral, e Especulativa, direito Canónico, e Civil, e Matemática, & em todas estas ciências com notável madureza disputava & resolvia os mais dificultosos pontos delas, cousa extraordinária, que em tão poucos anos houvessem tantas ciências, que cada uma delas requiere largos anos⁷⁹.

D. Teodósio foi frequentemente referido como santo. Tal ficou a dever-se à importância que o mesmo votava às questões religiosas, sendo possível encontrar nos sermões de exéquias várias referências⁸⁰. Com cinco anos de idade foi visto a chorar junto de um crucifixo⁸¹, mantendo essa devoção ao longo de toda a vida, assim como à Virgem Maria, a São Francisco Xavier e à Rainha Santa Isabel⁸². A esta última, fez um voto de lhe edificar uma capela em Estremoz e pediu para ser sepultado em campa rasa junto ao seu túmulo, em Coimbra⁸³. Além disso, comungava e

⁷⁶ Pinto, Luís Machado Pereira (1656), *Sermão oferecido a magestade do Senhor Rey Dom Joam o IV...* *óp. cit.*, p. 9.

⁷⁷ Vieira, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa...» *óp. cit.*, p. 265.

⁷⁸ Aranha, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias do Sereníssimo Príncipe de Portugal Dom Theodosio...* *óp. cit.*, pp. 19-20.

⁷⁹ Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias...* *óp. cit.*, p. 20.

⁸⁰ Aranha, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias do Sereníssimo Príncipe de Portugal Dom Theodosio...* *óp. cit.*, p. 14.

⁸¹ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias...* *óp. cit.*, p. 27.

⁸² Sobre as referências à Rainha Santa Isabel na parenética da Restauração cfr. Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração...* *óp. cit.*, vol. 1, p. 233.

⁸³ Leitão, frei Álvaro (1654), *Sermão nas exéquias...* *óp. cit.*, pp. 7-14. Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias...* *óp. cit.*, pp. 30-31. Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras...* *óp. cit.*, p. 21. Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas*

confessava-se todos os sábados, fazendo três a quatro confissões gerais por ano⁸⁴. Ao adoecer, preparou-se para morrer cristãmente, dando primazia às questões espirituais, em detrimento das do corpo⁸⁵. Refira-se o exemplo da sua agonia final, em que o bispo do Japão lhe deu um crucifixo a beijar e, à medida que ia beijando as chagas de Cristo, as forças iam diminuindo⁸⁶.

Manifestações retórico-poéticas, adjetivações e outros recursos estilísticos eram frequentemente utilizados na parenética seiscentista⁸⁷. No caso da dedicada a D. Teodósio predominaram as comparações com o sol. D. Manuel de Noronha estabeleceu um paralelo entre o príncipe e o astro, por os seus raios iluminarem o futuro de Portugal⁸⁸, tendo o padre Jerónimo de São Paulo considerado que a sua retirada deu lugar à escuridão⁸⁹. Frei Tomás Aranha mencionou que se sofria mais com a morte de um herdeiro do que com a de um monarca, pois ser mais funesto o sol eclipsar-se pela manhã do que pôr-se ao final do dia⁹⁰. Para frei João da Silveira o herdeiro foi um sol que amanheceu no mundo e resplandeceu em virtude⁹¹, além de o considerar, pelo brilho da sua figura, sol na vida e na morte⁹². Justificou-o através das missivas de São Paulo a Tito, de São João Crisóstomo e de São Tomás de Aquino, advindo o seu brilho da

primeiras exéquias... óp. cit., p. 12. Vieira, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa...» *óp. cit.*, p. 257.

⁸⁴ Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias... óp. cit.*, p. 12.

⁸⁵ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias... óp. cit.*, p. 29. São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória do Serenissimo Príncipe e Senhor Dom Theodosio Primeiro deste nome. Celebradas na Capella Real do Hospital da Cidade de Coimbra*, Coimbra, Oficina de Manuel Dias, pp. 29-30. Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras... óp. cit.*, p. 21. [Viegas, frei Nuno] (1655), *Oratio Funebris... óp. cit.*, p. 10. Vieira, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa...» *óp. cit.*, p. 265.

⁸⁶ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias... óp. cit.*, p. 27. São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória... óp. cit.*, p. 27.

⁸⁷ Sobre esta questão cfr. Saraiva, Harrison Martins (2010), *Alexandre de Gusmão: Oração fúnebre nas exéquias de D. João da Madre de Deus*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, p. 23.

⁸⁸ Noronha, D. Manuel de (1653), *Exéquias do Serenissimo Príncipe... óp. cit.*, p. 8.

⁸⁹ São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória... óp. cit.*

⁹⁰ Aranha, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias do Serenissimo Príncipe de Portugal Dom Theodosio... óp. cit.*, p. 28.

⁹¹ Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias... óp. cit.*, p. 5.

⁹² *Ibidem*, p. 7

piedade nas coisas de Deus, da sobriedade nas suas ações e da justiça para com os vassalos⁹³.

As referências bíblicas e a outros textos de índole religiosa foram uma constante⁹⁴. Aliás, encontramos-las em todos os sermões fúnebres relativos a D. Teodósio. O padre Jerónimo de São Paulo equiparou o varão brigantino a Jacob, pois, tal como o segundo servira Labão, assim o primeiro servira sempre a Deus na sua curta vida⁹⁵. Sublinhe-se que esta narrativa foi também seguida pelo Doutor Jerónimo Ribeiro Carvalho⁹⁶ e frei Nuno Viegas⁹⁷. O rei David figura igualmente entre as associações ao príncipe do Brasil, embora nos antípodas do mesmo: é considerado uma figura sábia, mas longeva, ao passo que o varão brigantino evidenciou a sua sapiência nos poucos anos que viveu - esta tese é sustentada por nomes como frei João da Silveira⁹⁸, padre António Veloso⁹⁹ ou frei Álvaro Leitão¹⁰⁰. Não se descure a figura de Job, mencionada pelo padre António Vieira, comparada ao extinto por ambos aceitarem, resignados, a vontade divina¹⁰¹.

Sublinhe-se que a fundamentação dos oradores passou também pela equiparação a figuras históricas. Em primeiro lugar surgiu a relação onomástica com os imperadores romanos¹⁰². Segundo frei Tomás Barreto, o imperador Teodósio I faleceu num dia chuvoso e o príncipe em tempo primaveril, considerando-se que este teve uma morte mais digna, fruto da sua preparação¹⁰³. Sobre Teodósio II, cabe referir que era uma figura erudita, compassiva e vocacionada para o estudo e a oração, sendo, por

⁹³ Frei Tomás Aranha também fez menção a São Tomás de Aquino. Cfr. Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias...* *óp. cit.*, pp. 7-19. Aranha, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias do Sereníssimo Príncipe de Portugal Dom Theodosio...* *óp. cit.*, pp. 9-10.

⁹⁴ Esta prática era comum entre os pregadores da Época Moderna. Cfr. Braga, Isabel Drumond e Braga, Paulo Drumond (2017), «As Virtudes do Inquisidor Geral...» *cit.*, p. 35.

⁹⁵ Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias...* *óp. cit.*, pp. 29-30.

⁹⁶ Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras...* *óp. cit.*, p. 17-18.

⁹⁷ [Viegas, frei Nuno] (1655), *Oratio Funebris...* *óp. cit.*, p. 22.

⁹⁸ Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias...* *óp. cit.*, p. 10.

⁹⁹ Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias...* *óp. cit.*, p. 5v.

¹⁰⁰ Leitão, frei Álvaro (1654), *Sermão nas exéquias...* *óp. cit.*, p. 30.

¹⁰¹ Vieira, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa...» *cit.*, p. 258. Cfr. também Marques, João Francisco (2013), «Introdução» ... *óp. cit.*, p. 21.

¹⁰² Pinto, Luís Machado Pereira (1653), *Sermão oferecido a magestade do Senhor Rey Dom Joam o IV...* *óp. cit.*, pp. 5-6.

¹⁰³ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias...* *óp. cit.*, p. 5.

isso, igualado ao varão brigantino¹⁰⁴. Acresce a associação a Teodósio III, imperador bizantino, que foi aclamado pelos soldados e, após a deposição, tornou-se clérigo¹⁰⁵. Por último, o herdeiro do trono foi considerado superior a todos os homónimos, por ser o terceiro duque de Bragança daquele nome¹⁰⁶. Veja-se, a título de exemplo, uma dessas comparações:

Não vi retrato mais ao vivo do nosso Príncipe, e Senhor Dom Teodósio na morte, e na vida, posto que não sei qual seja o natural, e assim me persuado que foi Teodósio segundo Imperador a figura que precedeu, e o nosso Príncipe, e Senhor Dom Teodósio o figurado nela¹⁰⁷.

No entanto, outras figuras histórico-mitológicas da Antiguidade Clássica foram igualmente dignas de menção: Catão, o Velho, político e escritor romano, pela prudência; Alexandre Magno, rei da Macedónia, pelo ânimo; Heitor, mítico príncipe de Troia, pela fortaleza; Júlio César, político e militar romano, pela fortuna das empresas; Fábio Máximo, cônsul romano, pelo conselho; Augusto, Trajano, Tito e Valentiniano, imperadores romanos, pela afabilidade, política, delícia do mundo, juventude e maturidade, respetivamente¹⁰⁸. Todos são equiparados a D. Teodósio, por se considerar que reunia em si todas as qualidades descritas.

As referências à ascendência do príncipe do Brasil ou a outras figuras da realeza lusa são uma constante. No caso do sermão pregado no Real Colégio da Companhia de Jesus, em Coimbra, são apresentadas várias figuras notáveis, associadas a diferentes reinos europeus, nomeadamente Aragão, Castela, França, Inglaterra e o Sacro Império Romano-Germânico. Cite-se, a propósito destas relações de parentesco, o padre António Veloso:

Era o nosso Príncipe Sereníssimo um Lírio, (...) O nosso Príncipe era, não só a flor da nobreza Real de Europa: mas o Príncipe maior, a maior

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 6.

¹⁰⁵ Dois aspetos associados ao príncipe D. Teodósio: o interesse pelas armas e o fervor religioso. Cfr. Idem, *Ibidem*, p. 18.

¹⁰⁶ São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória... óp. cit.*, p. 25. A analogia feita entre D. Teodósio e os imperadores homónimos foi igualmente tecida por António Veloso. Cfr. Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias... óp. cit.*, p. 10v.

¹⁰⁷ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias... óp. cit.*, p. 6.

¹⁰⁸ *Ibidem*, pp. 2-6. Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias... óp. cit.*, p. 26.

Alteza. (...) Tão soberana Alteza, que entre ele, e a Majestade maior, não havia mais distâncias, que as que há entre pai e filho. Engrandecem o Lírio as mais nobres raízes, diz Plínio, e como tais o afidalgam mais, que a nenhuma outra flor as suas¹⁰⁹.

No que respeita a Luís Machado Pereira Pinto, este procurou esboçar a ascendência de D. Teodósio, explanando o destacado lugar que a Casa de Bragança desde sempre lograra¹¹⁰. No caso da família real, os nomes mais mencionados são os de D. Afonso Henriques, D. João I, D. João II e D. João III, surgindo com menor frequência os do Conde D. Henrique, D. Mafalda de Saboia, D. Dulce de Aragão, Rainha Santa Isabel, D. Filipa de Lencastre, D. Nuno Álvares Pereira e D. Afonso V¹¹¹. Nos primeiros casos, segundo frei João da Silveira, é referido que os monarcas, tal como D. Teodósio, foram notáveis. Contudo, viveram o suficiente para o concretizar, ao passo que o extinto, mesmo perecendo na flor da idade, esteve associado a grandes feitos¹¹².

Entre Heróis tão eminentes em tudo, podemos dizer, que o Sereníssimo Senhor Dom Teodósio foi *admiratio, opus excelsi*, foi uma admiração, um portento, obra da mão de Deus nosso Senhor, porque aqueles Reis, e Monarcas foram grandes, em anos crescidos, e largos decursos de tempo, porém o nosso Sereníssimo Príncipe na flor da idade, quando está pedindo mil licenças, e no meio delas saber domar a natureza, a que não brote em desmanchos, e excessos, admiração, e obra da mão de Deus todo poderoso, que fez a Sua Alteza um sol na vida resplandecendo em atos tão heroicos¹¹³.

Segundo frei Tomás Barreto, D. Teodósio não logrou o trono porque nenhum primogénito de um monarca chamado João foi rei de Portugal: são dados os exemplos dos primogénitos de D. João I, D. João II e D. João III, falecidos antes dos respetivos progenitores¹¹⁴. Contudo, a diferença residia

¹⁰⁹ Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias...* *óp. cit.*, p. 4.

¹¹⁰ Pinto, Luís Machado Pereira (1656), *Sermão oferecido a magestade do Senhor Rey Dom Joam o IV...* *óp. cit.*, p. 4.

¹¹¹ Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias...* *óp. cit.*, pp. 4v-7. Vieira, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa...» *cit.*, pp. 277-278. [Viegas, frei Nuno] (1655), *Oratio Funebris...* *óp. cit.*, p. 26.

¹¹² Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias...* *óp. cit.*, pp. 26-28.

¹¹³ *Ibidem*, pp. 27-28.

¹¹⁴ Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias...* *óp. cit.*, p. 21. Sobre esta questão cfr. Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração...* *óp. cit.*, vol. I, pp. 233-234.

no facto de D. Teodósio ter deixado dois irmãos mais novos - os futuros D. Afonso VI e D. Pedro II - ao passo que, no caso do monarca *Piedoso*, a extinção da sua linhagem ditou a inauguração do governo da Casa de Áustria em Portugal¹¹⁵. Chega a ser atribuído a São Bernardo de Claraval a substituição do primogénito pelo secundogénito joanino, uma vez que este nasceu no dia litúrgico do referido santo¹¹⁶. A respeito das novas esperanças depositadas no novo herdeiro, cite-se o padre António Veloso:

Entra na sucessão do Senhor Dom Teodósio: de cujas esperanças (que foram maiores que concebeu de outro Príncipe este Reino) confiadamente nos prometemos a ele de ser o cumprimento. Razão temos logo para enxugar as lagrimas, que nos custou a morte de Teodósio, na felice inauguração do novo Príncipe Dom Afonso Henriques¹¹⁷.

CONCLUSÃO

D. Teodósio, príncipe do Brasil e nono duque de Bragança, faleceu precocemente, em maio de 1653. Primogénito de D. João IV e de D. Luísa de Gusmão, recebeu uma esmerada educação, para que um dia sucedesse ao pai e se tornasse rei de Portugal. Contudo tal não aconteceu, sendo grande o sentimento de perda no seu prematuro desaparecimento.

Tal facto espelhou-se nos vários sermões fúnebres que, em várias vilas e cidades do reino, foram pregados em memória do príncipe. A pregação tinha uma função doutrinal e laudatória, nem sempre coincidente com o rigor histórico. Desta forma, o sermonário fúnebre de D. Teodósio encontrava-se povoado de elogios, retratando o príncipe como uma figura afável, discreta, esclarecida, liberal, poderosa, prudente, sábia, santa e valerosa. Retenha-se que a parenética exequial era também um importante meio propagandístico, extremando-se muitas das características mencionadas - neste caso, as do herdeiro do trono português.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 22. É possível encontrar referências aos infantes D. Afonso e D. Pedro nos sermões de Jerónimo de São Paulo e de António Veloso. Cfr. São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória... óp. cit.*, p. 24. Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias... óp. cit.*, p. 15.

¹¹⁶ São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória... óp. cit.*, p. 24. Sobre a associação do futuro D. Afonso VI a São Bernardo cfr. Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração... óp. cit.*, vol. 1, p. 223.

¹¹⁷ Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias... óp. cit.*, p. 17.

Recorrendo a passagens bíblicas ou a comparações a figuras histórico-mitológicas, os pregadores esculpíram uma imagem áurea de D. Teodósio. Uma das referências mais frequentes tem que ver com a esperança que o reino, desde 1640, depositara no príncipe, esperando-se que fosse tão digno de cingir a coroa lusa como o pai. Estamos perante vários exemplos da parenética ao serviço da coroa, tendo em conta que os sermões pregados em 1653 serviram de propaganda e reforço à nova dinastia de Bragança. Por um lado, considerou-se que o príncipe extinto, pela sua erudição e preparação, reunia as condições ideais para reinar. Por outro lado, a sucessão de D. João IV não estava em risco, graças aos infantes D. Afonso e D. Pedro - futuros reis de Portugal.

Tenha-se igualmente em conta que os sermões fúnebres foram pregados por distintos oradores, com importantes funções associadas a várias dioceses e conventos, além do Tribunal do Santo Ofício. Tal facto, assim como os anteriormente mencionados, fizeram com que o sermonário do príncipe do Brasil fosse um dos mais importantes no século XVII, período em que a parenética granjeou particular destaque em Portugal.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo [ANTT], Manuscritos da Livraria, Livro 170, «Regimento que se fez quando se pôs em quarto à parte o Príncipe D. Teodósio», ff. 93-101.

Biblioteca da Ajuda [BA], 51-VI-15, «Despesas feitas pelo Príncipe D. Teodósio na jornada do Alentejo», ff. 38-39; «Despesas feitas por ordem do Príncipe D. Teodósio», f. 40; «Petição das Charamelas da Sé de Elvas para darem as boas-vindas ao Príncipe D. Teodósio. Recibo da esmola, remetido por António Cavide», f. 44; «Despesas feitas com a estrebaria do Príncipe D. Teodósio, quando esteve em Elvas», f. 45; «Despesas com um vestido para o Príncipe D. Teodósio», f. 46; «Despesas do Príncipe D. Teodósio, em 1651», ff. 47-65v; «Rol do que foi enviado de Lisboa para Elvas, para o serviço do Príncipe D. Teodósio», f. 71. 51-VIII-39, «Cartas do Príncipe D. Teodósio ao Visconde de Vila Nova da Cerveira, Governador de Armas da Província do Minho», ff. 17-176.

Biblioteca Nacional de Portugal [BNP], Reservados, Códice 13212, «Regimento do que se há-de fazer quando falecer o Príncipe D. Teodósio», ff. 15-20v.

Fontes Impressas

Andrade, Lucas de (1653), *Breve Relação do Sumptuoso Enterro que se fes em 17 de Mayo de 1653 ao Serenissimo Principe o S[enhor]. D. Theodosio, desde os Paços de Alcantara, ao Real Convento de Belem, onde foy depositado*, Lisboa, António Álvares.

Aranha, frei Tomás (1653), *Sermão Fúnebre nas Exéquias do Serenissimo Príncipe de Portugal Dom Theodosio que lhe Celebrarão os Religiosos de S. Domingos de Lisboa, de Bemfica, & Almada, no Real Convento de Belém*, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana.

Araújo, João Salgado de (1644), *Successos Militares das Armas Portuguesas em sua fronteiras depois da Real aclamação contra Castella*, Lisboa, Paulo Craesbeeck.

Barreto, frei Tomás (1653), *Sermão Funebre nas Exéquias que fes o Nobilissimo Senado da Villa de Vianna na Igreja Colegiada de Sãta Maria em 7 de Junho de 1653 ao Serenissimo, & Maximo Principe D. Theodosio, filho de El Rei Dom João o IIII Nosso Senhor*, Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho.

Carvalho, Jerónimo Ribeiro (1653), *Sermão nas honras do Serenissimo Principe de Portugal D. Theodosio que fez o Reverendo Cabido da Santa Sé do Porto em 28 de Junho de 1653*, Coimbra, Oficina de Tomé Carvalho.

Domingues, João Baptista (1747), *Vida do Principe D. Theodosio, oferecida a Santa Joana, Princeza de Portugal*, Lisboa, Oficina de António Pedrozo Galram.

Jesus, frei Rafael de (1958), *Primeiro Volume da 18.ª Parte da Monarchia Lusitana*, tomo I, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

- Leitão, frei Álvaro (1654), *Sermão nas exéquias do Serenissimo Principe Dom Theodosio Nosso Senhor, que Deos tem: feitas pello Reverendo Cabido da Sancta See de Lisboa: no Real Convento de Belem, aos 26 de Junho de 1653*, Lisboa, Paulo Craesbeeck.
- Machado, Diogo Barbosa (1741-1752), *Bibliotheca Lusitana, Histórica, Crítica, e Chronológica. Na qual se compreende a notícia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuzerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente*, tomos I-III, Lisboa, Oficina de Inácio Rodrigues.
- Melo, D. Francisco Manuel de (1944), *D. Teodósio, Príncipe e 7.º Duque de Bragança*, Tradução de Augusto Casimiro, Porto, Livraria Civilização.
- Menezes, D. Luís de [Conde da Ericeira] (1679), *História do Portugal Restaurado*, tomo I, Lisboa, Oficina de João Galvão.
- Menezes, Sebastião César de (1649), *Summa Política, Offerecida ao Príncipe D. Theodosio Nosso Senhor*, Lisboa, António Alvarez.
- Noronha, D. Manuel de (1653), *Exequias do Serenissimo Principe Dom Theodosio Primeiro de Portugal na Villa de Torres Vedras, & Igreja de Sancta Maria do Castello, aos 10 de Junho de 1653*, Lisboa, António Álvares.
- Pinto, Luís Machado Pereira (1656), *Sermão offerecido a magestade do Senhor Rey Dom Joam o IV que nas exéquias do Senhor Principe D. Theodosio pregou na Santa See de Miranda o Doutor Luis Machado Pereira Pinto*, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana.
- Relação de tudo o que se passou na felice Aclamação do mui Alto & mui Poderoso Rei D. João o Quarto, nosso Senhor, cuja Monarquia prospere Deos por largos anos* (1641), Lisboa, Lourenço Anveres.
- [Sá, João Rodrigues de] (1653), *Elogio Funeral do Príncipe D. Theodosio, N[osso] Senhor. Relação das exéquias e lutos com que sentio sua morte o Ex[celentíssimo] João Ro[dr]i[gue]z de Sa Conde de Penaguião*, Londres, s.n.

São Paulo, padre Jerónimo de (1654), *Exéquias feitas à Memória do Serenissimo Principe e Senhor Dom Theodosio Primeiro deste nome. Celebradas na Capella Real do Hospital da Cidade de Coimbra*, Coimbra, Oficina de Manuel Dias.

Silveira, frei João da (1653), *Sermão nas primeiras exéquias do Serenissimo Principe o Senhor D. Theodosio, Filho de ElRey N. S. D. Ioam o IV que Deos guarde. As quaes a vinte e sete de Mayo deste presente anno, celebrou a Religião de N. S. do Carmo no Real Convento de São Hyeronimo de Belem, com licença de Sua Magestade*, Lisboa, António Álvares.

Sousa, D. António Caetano de (1740), *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo VII, Lisboa, Régia Oficina Silviana.

Sousa, D. António Caetano de (1740), *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo IV, Lisboa, Régia Oficina Silviana.

Veloso, padre António (1654), *Sermão funeral nas exéquias que o Real Collegio da Companhia de Iesus de Coimbra celebrou ao Serenissimo Principe de Portugal Dom Theodosio em 17 de Junho de 1653*, Lisboa, Paulo Craesbeeck.

[Viegas, frei Nuno] (1655), *Oratio Funebris in Obitu Serenissimi Theodosii Lusitanorum Principis, Ioannis IV Portugaliae Regis Invictissimi Primogeniti*, Roma, s.n.

Vieira, padre António (1748), «Voz Seg[un]da Obsequiosa. Sermão das Exéquias do Sereníssimo Príncipe de Portugal D. Theodosio de Saudosa Memória, Prégado no Collegio da Companhia de Jesus de São Luís do Maranhão», in VIEIRA, padre António, *Sermões Varios e Tratados, ainda não impressos, do Grande Padre António Vieyra da Companhia de Jesus, Offerecidos à Magestade DelRey D. João V*, tomo XV, Lisboa, Oficina de Manuel da Silva, pp. 253-278.

Estudos

Abreu, Ilda Soares de (2001), *Simbolismo e Ideário Político. A Educação Ideal Para o Príncipe Ideal Seiscentista*, Lisboa, Estar Editora.

Albuquerque, Martim de (1981), «Para uma teoria política do Barroco em Portugal. A «Suma Política» de Sebastião César de Menezes (1649-1650)», *Revista de História*, n.º 4, pp. 63-101.

Braga, Isabel Drumond (2015), «Chorar uma Rainha em Portugal e no Brasil: os Sermões por Ocasião da Morte de D. Maria I», in *Anais do I Congresso Lusófono de Ciências das Religiões*, vol. 3, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, pp. 38-59.

Braga, Isabel Drumond (2012), «Eloquência, Cativo e Glorificação. O Sermão de frei José de Santa Maria por ocasião do Resgate Geral de Cativos de 1655», in DURAN, Maria Renata (coord.), *Triunfos da Eloquência. Sermões Reunidos e Comentados 1656-1864*, Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, pp. 11-40.

Braga, Isabel Drumond (2016), «Entre Religião, Ciência e Política: a Parénese Seiscentista de Fr. Amador da Conceição», *Revista Territórios e Fronteiras*, vol. 9, n.º 1, pp. 131-146.

Braga, Isabel Drumond (2019), «Parenética e política: o infante D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (1786-1812)», *Libros de la Corte*, n.º 19, pp. 178-198.

Braga, Isabel Drumond Braga (2019), «Parenética na Igreja do Loreto: os sermões em honra dos Sumos Pontífices (séculos XVII-XVIII)», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 19, pp. 175-197.

Braga, Isabel Drumond e BRAGA, Paulo Drumond (2017), «As Virtudes do Inquisidor Geral: os sermões de exéquias e a imagem dos dirigentes do Santo Ofício no século XVII», in ASSIS, Ângelo Adriano Faria de, Muñiz, Pollyanna Gouveia Mendonça e Matos, Yllan (org.), *Um historiador pelos seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas*, São Paulo, Alameda, pp. 23-41.

- Braga, Isabel Drumond e Braga, Paulo Drumond (2011), *Duas rainhas em tempos de novos equilíbrios europeus: Maria Francisca Isabel de Saboia e Maria Sofia Isabel de Neuburg*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 175-179.
- Buescu, Ana Isabel (1996), *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-49)*, Lisboa, Edições Cosmos.
- Castro, Aníbal Pinto de (1973), *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- Cerdan, Francis (1992), «L' Orasion Funebre du Roi Philippe II de Portugal (Philippe III D' Espagne) Par Frei Baltasar Paez en 1621», *Arquivos do Centro Cultural Português*, n.º 31, pp. 151-170.
- Costa, Fernando Dores (2004), *A Guerra da Restauração 1641-1668*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Costa, Leonor Freire e Cunha, Mafalda Soares da (2008), *D. João IV*, Lisboa, Temas & Debates.
- Couto, Jorge (2009), *Padre António Vieira. Bibliografia 1998-2008*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.
- Cunha, Mafalda Soares da (2000), *A Casa de Bragança 1560-1640. Práticas senhoriais e redes clientelares*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Cunha, Mafalda Soares da (2004), «Estratégias Matrimoniais da Casa de Bragança e o Casamento do Duque D. João II», *Hispania. Revista Española de Historia*, vol. LXIV, n.º 126, pp. 39-62.
- Cunha, Mafalda Soares da (1990), *Linhagem, Parentesco e Poder - A Casa de Bragança (1384-1483)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança.
- Dias, João José Alves (1996), *Craesbeeck: uma dinastia de impressores em Portugal: elementos para o seu estudo*, Lisboa, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, 1996.

- Deslandes, Venâncio (1988), *Documentos para a história da tipografia portuguesa nos séculos XVI e XVII*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Gonçalves, José Jorge David de Freitas (2010), *A Imprensa em Coimbra no século XVII*, (Tese de Doutoramento inédita), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Griné, Euclides dos Santos (1997), *A Construção da Imagem Pública do Rei e da Família Real em Tempo de Luto (1649-1709)*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- López-Salazar, Ana Isabel (2008), «'May de Lisboa e dos Portuguezes Todos'. Imágenes de Reinas en el Portugal de los Felipes», in Martínez Millán, José e Lourenço, Maria Paula Marçal, *Las Relaciones Discretas entre las Monarquías Hispana y Portuguesa: La Casa de Las Reinas (siglos XV-XIX)*, vol. 3, Madrid, Polifemo, pp. 1749-1776.
- Lourenço, Maria Paula Marçal e Pinto, Ricardo Fernando (2012), *D. Luísa de Gusmão (1613-1666) Restaurar, Reinar e Educar*, Lisboa, Gradiva Publicações.
- Marques, João Francisco (1986), *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Marques, João Francisco (1989), *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, vol. 1, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Marques, João Francisco (2013), «Introdução», in Franco, José Eduardo e Calafate, Pedro (dir.), Marques, João Francisco (coord.), *Obra Completa do Padre António Vieira*, vol. XIV, tomo II, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 9-73.
- Marques, João Francisco (1998), «Lisboa religiosa na segunda metade do século XVII», in *Bento Coelho e a cultura do seu tempo: 1620-1708*,

Lisboa, Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 139-169.

Marques, João Francisco (2001), «Oratória Sacra ou Parenética», in Azevedo, Carlos Moreira (dir.), *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, P-V, Lisboa, Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, pp. 470-510.

Oliveira, António de (2008), *D. Filipe III*, Lisboa, Temas & Debates.

Oliveira, António de (1990), *Poder e Oposição Política em Portugal no Período Filipino (1580-1640)*, Lisboa, Difusão Editorial.

Oliveira, Ricardo Pessa de (2019), «Teatro Fúnebre: Exéquias promovidas pela Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santa Justa a membros da Casa Cadaval (1700-1749)», *Revista Portuguesa de História*, tomo 50, pp. 151-168.

Paiva, José Pedro (1999) (coord.), *Padre António Vieira, 1608-1697. Bibliografia*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal.

Palomo, Federico (2006), *A Contra-Reforma em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.

Pardal, Francisco José Pegacha (2018), *Uma devoção de grandes e pequenos. Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa nos séculos XVII e XVIII*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Pereira, Belmiro Fernandes (2011), *Retórica e Eloquência em Portugal na Época do Renascimento*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Pimentel, Alberto (1899), *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, Lisboa, Guimarães, Libânio e Companhia.

Pontes, Maria de Lurdes Belchior (1961), *A Oratória Sacra em Portugal no século XVII segundo o Manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Coimbra, s.n.

Pontes, Maria de Lurdes Belchior (1953), *Frei António das Chagas, Um homem e estilo do século XVII*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.

Raposo, Hipólito (1947), *Dona Luísa de Gusmão, Duquesa e Rainha, 1613-1666*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

Saraiva, Harrison Martins (2010), *Alexandre de Gusmão: Oração fúnebre nas exéquias de D. João da Madre de Deus*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Silva, Pedro José Barbosa da (2015), *António de Sousa de Macedo. Diplomata, Conselheiro da Fazenda, Secretário de Estado*, (Dissertação de Mestrado inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Troni, Joana Almeida (2012), *A Casa Real Portuguesa ao tempo de D. Pedro II (1668-1706)*, (Tese de Doutoramento inédita), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Valladares, Rafael (1998), *La Rebelión de Portugal: Guerra, Conflicto y Poderes en la Monarquía Hispánica (1640-1680)*, Valladolid, Junta de Castilla y León - Consejería de Educación y Cultura.

Vallance, Monique (2012), *A rainha restauradora. Luísa de Gusmão*, Lisboa, Círculo de Leitores.